

CLAROSCUROS. UNA TRANSMISIÓN PSICOANALÍTICA EN CLAVE ESCÉNICA

CLAROS-ESCUROS. UMA TRANSMISSÃO
PSICANALÍTICA EM UMA PERSPECTIVA
CÊNICA.

CHIAROSCUROS. A PSYCHOANALYTIC
TRANSMISSION THROUGH A
THEATRICAL LENS.

Claudia Levin
Asociación Escuela Argentina Para Graduados
ORCID: 0009-0001-8828-1243
Correo electrónico: claudialevin26@gmail.com

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article

Levib C. (2023) CLAROSCUROS. UNA TRANSMISIÓN PSICOANALÍTICA EN CLAVE ESCÉNICA
Intercambio Psicoanalítico 14 (2), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/14.2.4/
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

CLAROS-ESCUROS. UMA TRANSMISSÃO PSICANALÍTICA EM CHAVE CÊNICA

Claudia Levin¹

1 Claudia Levin é Psicóloga, Psicanalista e Especialista em Prevenção e Assistência Psicológica na Infância (UBA). É professora titular e supervisora clínica dos Programas de Pós-Graduação da AEAPG, e atua como JTP no Curso Clínico da Criança e do Adolescente (UBA). *Solidão Infinita* (2021) é uma de suas últimas publicações na revista virtual da AEAPG *Psicanálise ontem e hoje*.

A título de introdução

Há alguns meses, tive a oportunidade de assistir à estreia do ballet Caravaggio, de Mauro Bigonzetti, no Teatro Colón de Buenos Aires, inspirado no pintor barroco.

O que mais me impressionou foi a utilização da luz, a oposição luz/escuridão que caracteriza a técnica do claro-escuro pela qual Caravaggio é conhecido. No palco, o efeito da iluminação ajuda a criar uma atmosfera dramática que nos introduz na tridimensionalidade do espaço.

Graças à combinação desta iluminação e dos recursos cenográficos, as personagens são enquadradas numa moldura da qual podem ora sair ora entrar, mudando de plano. Como espectadores, nos introduz num plano diferente, mais próximo, de maior compromisso com a obra, que nos permite ver como o mundo interior evolui artisticamente em um estilo pictórico.

Ao viver esta experiência estética, me pergunto o que é que valorizamos como experiência quando falamos de uma sessão analítica. *Como fazer com que uma sessão se torne uma experiência emocional?*¹

O trabalho com Úrsula e a sua família, que vou desenvolver a seguir, despertou em mim estas reflexões. A experiência que vou contar está estruturada em cenas, pois esta forma narrativa me permite transmitir mais claramente a atmosfera de claro-escuro em que o trabalho decorreu.

Encontros com Úrsula

O tratamento analítico de Úrsula desenvolveu-se com muitas dificuldades. Começou algum tempo antes da pandemia e continuou depois. Neste artigo me concentro em um momento específico, provavelmente o período que apresentou os maiores obstáculos, mas também aquele em que se começaram a observar algumas mudanças psíquicas na menina.

1 Gampel, Yolanda (2017) Pensar con el psicoanálisis, niños/as-adolescentes-familias, artigo publicado na Revista Generaciones Núm. 6, Eudeba, Buenos Aires.

Cena 1

Na pandemia, ao me conectar para iniciar uma sessão virtual, encontro o rosto de Úrsula, de 10 anos, desfigurado pelo choro. No fundo, ao contrário das sessões anteriores, há apenas escuridão. Ela me conta que o pai voltou a ser violento. Percebo que desta vez foi mais forte, talvez a pandemia tenha agravado o que já estava por acontecer. Ele a sacudiu e a colocou debaixo do chuveiro. Desesperada, abatida, aterrorizada, ela me pede ajuda. Tentando ultrapassar o choque, lhe digo que nenhum adulto, por mais zangado que esteja, pode bater numa criança. E que falarei com os pais dela. Com estas palavras, quero dar-lhe a garantia do meu empenho em intervir nesta situação. Eu a peço que lhes avise de que ligarei naquele exato momento.

Cena 2

No quarto que parece estar na penumbra, os pais se conectam à sessão. Comento que se trata de uma situação limite. Explico que o risco, para além do que aconteceu, é de que a Úrsula naturalize o fato de baterem nela, que ela naturalize o sofrimento, o fazer sofrer ou o se fazer sofrer. Me dirigindo ao pai, o faço lembrar que é proibido por lei bater numa criança. Ao contrário de outras vezes, agora o pai me olha como se estivesse se sentindo pequeno. A mãe, entre angustiada e resignada. Peço então para falar com os três ao mesmo tempo, que informem a Úrsula.

Cena 3

Agora aparecem os três. No quarto dos pais, Úrsula refugia-se no colo da mãe. Volto a explicitar a proibição de o pai bater na filha e proponho como algo fundamental a realização de uma reunião semanal com os três, para além da sessão individual com a criança.

Cena 4

Pouco tempo depois, Úrsula compartilha comigo um vídeo em que a sua imagem se torna maior, mais larga e desfigurada. Testemunho do informe.¹ Pergunto-me se o impacto que recebo se deve a um preconceito de idade em relação à forma como as crianças se comunicam, ou ao choque de a ver desfigurada. Tão desfigurada quanto aquela vez em que o choro transformou seu rosto.

Dias depois, quando a mãe me telefona para me dizer que a Úrsula é má (se refere ao seu comportamento, a que se comporta mal), a ouço e lhe pergunto se viu a fotografia de perfil dela (uma imagem daquele vídeo). Mas ela não reage, parece não saber do que estou falando. Ela não reparou na fotografia, não a interpretou como um gesto para ser lido.

¹ Winnicott utiliza a expressão do informe ou da zona do informe para designar “os elementos da personalidade não integrada”, aquilo que ainda não tomou forma, que não foi integrado.

Cena 5

Úrsula me telefona da praia, onde está de férias com a família. Me conta que, enquanto ela e a mãe estavam na água, caíram em um poço e pensou que estavam afundando. Ela sente que a mãe não a pode salvar, talvez sinta que a mãe é ainda mais infantil do que ela. Me telefona para “pedir ajuda”. Resgato a qualidade da sua comunicação, o seu desejo de me telefonar e de pôr o seu medo em palavras.

Cena 6

De volta a casa, prestes a iniciar um novo ano escolar, Úrsula me conta que a mãe a surpreendeu com um presente: um belo caderno cheio de detalhes de acordo com os seus gostos (cores, texturas, adesivos, purpurinas, lembretes, imagens, tipografias, etc.). O novo caderno parece prometededor para escrever juntas um novo tipo de relação.

Para ela, encontrar este objeto foi maravilhoso. Pergunto se está feliz. Se escuta dizendo que sim. A vejo deitada, os seus pés balançando, dizendo sim, com meias lindas, com bonecos nas pontas, como marionetes. Ternura e sensualidade. Ela brinca com a pequena câmera, fazendo uma utilização muito plástica do espaço durante toda a sequência. Me transmite uma sensação de grande bem-estar. Exprime a sua alegria de criança na puberdade, que nunca tinha aparecido antes. Começamos a fazer parte de um processo em que somos simultaneamente criadas e encontradas (Winnicott, 1971). O Zoom me permitiu tirar uma fotografia (metafórica), com a intenção de cuidar dessa experiência para continuar avançando neste espaço de mutualidade.

Cena 7

Algum tempo depois, ela me liga num dia de férias e me deixa uma mensagem. “Tenho que falar com você, papai me repreendeu e tirou o telefone de mim, estou te escrevendo pelo telefone da mamãe”. Mais uma vez a urgência. Quando conversamos, ela diz que entende que o pai tem que educá-la, mas se pergunta qual a razão dele ter tirado o telefone dela. Ela diz que o pai acha que o telefone é o culpado de tudo. Diz também que ele não confia nela e que não a deixa ir às matinês.

A convido a pensar se, de algum jeito, ela tinha contribuído para essa situação. Ela aceita o meu convite e começa a pensar. Compartilhamos esse espaço de silêncio. Ela diz: “tenho certeza de que devo ter colocado alguma coisa, mas não foi nada de especial, além disso, estou mudando uma coisa”. Respondo: “antes você gritava, depois chorava, logo pensava. E agora como é?” Ela ri com ternura e cumplicidade. Diz com afirmação: “agora eu choro primeiro e depois penso”.

Continuo: “Que bom poder dizer o que se sente, nos escutar...” e com uma piscadinha: “Vamos fazer um jogo de parabéns”. Ela rapidamente aceita o jogo e me diz: “Também te dou os parabéns”. Aceito seu cumprimento e reconhecimento.

A experiência emocional, como vemos aqui, a permitiu, através do trabalho psíquico, apropriar-se das emoções, que são o cerne da integração psicossomática em transferência.

Sobre a transmissão da experiência analítica

Uma obra de arte (uma música, um livro, um quadro, um ballet), tal como as palavras de um paciente, não é apenas um texto a decifrar, mas um outro mundo a descobrir, uma rede que não se conhece a si própria.

Nós psicanalistas somos transformados pelas situações clínicas em que participamos, especialmente aquelas que são tão profundas que nos obrigam a mergulhar em áreas tempestuosas e, com o vento nas costas, a consolidar o nosso caminho. Estas transformações contêm combinações complexas de conhecimentos, descobertas, resistências, desespero e esperança, compreensão e impasses. Claros-escuros que iluminam e obscurecem, mostram e escondem, como num jogo de cena em que o analista é ora um observador envolvido, ora um participante atormentado pela magnitude da violência a que está exposto.

A experiência com Úrsula e a sua família me levou a compartilhar os meus registos através desta escrita. Foi um momento em que dei por mim abrir as janelas, não só as metafóricas mas também as da plataforma Zoom, encontrando por vezes um muro de pedra do outro lado e outras vezes, muito lentamente, deixando a luz entrar.

Voltando à cena 7, poderíamos dizer que o trabalho analítico permitiu gerar uma zona de ternura. A empatia, a consideração e o bom trato são os componentes fundamentais que Fernando Ulloa atribui à ternura, considerada como uma instância ética.

Para terminar, gostaria de recordar as palavras de J. B. Pontalis, quando propõe que confiemos no que está vivo no paciente e em nós mesmos. Saber que somos o nosso próprio instrumento de trabalho e, portanto, um instrumento com falhas e oscilações. Saber amar os pacientes, ser capaz de se afeiçoar a eles, mas também saber desprender-se deles.

Referências Bibliográficas

Galli, V. (2008). *Humildad poética en la clínica psicoanalítica*. VII Congreso Fepal, Panel: Contratransferencia y subjetividad del analista, Chile.

<https://sapsicoanalisis.org.ar/wp-content/uploads/2021/04/HUMILDAD-POeTICA-EN-LA-CLI%CC%81NICA-PSICOANAL%CC%81TICA.pdf>

Gampel, Y. (2017) ¿Cómo hacer para que una sesión se convierta en una experiencia emocional?. Revista Generaciones. Pensar con el psicoanálisis, niños/as-adolescentes-familias, Num. 6, Eudeba.

Puget, J., Braun, J., & Cena, M. (2018). *Marilu Pelento, psicoanalista de nuestro tiempo. Un panorama de sus ideas*. Lugar Editorial.

Pontalis, J. B. (2007). *El que duerme despierto*. Traducido por S, Hopenhayn. Adriana Hidalgo Editora.

Tirri, N. (2023). Caravaggio, una manifestación artística excepcional. *La Nación*. <https://www.lanacion.com.ar/espectaculos/danza/caravaggio-una-manifestacion-artistica-excepcional-nid29052023/>

Ulloa, F. (1995). *Novela clínica psicoanalítica. Historial de una práctica*. Buenos Aires: Paidós.

Winnicott, D. (1971). *Realidad y juego*. Buenos Aires: Gedisa.